



## **O Papel Desenvolvido Pelas Propagandas na Formação de um Ideário Benéfico sobre Imunização: Da Revolta ao Zé Gotinha<sup>1</sup>.**

Patrícia Beatriz Souza Leite Campinas<sup>2</sup>  
Irene de Araújo Machado<sup>3</sup>  
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

**RESUMO:** O Brasil é um país pioneiro em imunização, tendo como marco desse mérito a erradicação da poliomielite em 1994. As propagandas veiculadas pelo ministério da saúde conclamaram a população e acredita-se que foram peças fundamentais na formação de um ideário benéfico sobre vacina. Porém, um fato histórico, como a Revolta da Vacina, indica que a assertividade nem sempre foi do interesse dos sistemas de saúde. Sendo assim, este trabalho buscará analisar como se deu a utilização de propagandas em saúde pública - com ênfase nas campanhas contra a poli - para a formação desse ideário positivo.

**PALAVRAS-CHAVE:** propaganda; vacina; promoção; saúde.

### **TEXTO DO TRABALHO: OBJETIVOS:**

Investigar como as propagandas do Ministério de Saúde se articularam para formar uma cultura em prol da imunização.

Analisar como a partir de propagandas se formam ideários e concepções coletivas.

Observar linguagens e estéticas referentes às propagandas em saúde pública.

### **JUSTIFICATIVA:**

Justifica-se a realização deste trabalho, por estarmos vivenciando momentos de mudança nas articulações propagandísticas e conceituais sobre imunização. No ano de 2012, fez-se necessário a substituição da vacina oral, origem do personagem Zé Gotinha, pela vacina de vírus inativo<sup>4</sup>, onde esta substituição gerou polêmica sobre como se tratariam as questões relacionadas à vacina. Ao observarmos, as razões

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 02 – Publicidade e Propaganda do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

<sup>2</sup> Mestranda no curso de Meios e Processos Audiovisuais da Universidade de São Paulo, e-mail: pacampinas1@gmail.com

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professora do Curso do programa de pós-graduação Meios e Processos Audiovisuais da ECA-USP, email: irenear12@yahoo.com.br

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://www.cve.saude.sp.gov.br>>. Acesso em: 25 de set. 2012



possíveis para o sucesso de um conjunto de peças publicitárias, atentando-se que no caso em questão, não se visa o aumento de vendas e sim a conscientização populacional, podemos não apenas reproduzir as questões frutíferas, como tentar observar questões pendentes. O que se pretende é um estudo integrado das relações tecidas por meio desses materiais, pois eles posicionam o público, mas, o público desenvolve sentidos a partir deles.

### **MÉTODO:**

Pretende-se produzir uma pesquisa documental com o material encontrado no Museu de Saúde Pública Emilio Ribas e de revisão bibliográfica para análise das transformações das linguagens de comunicação e como os discursos que foram elaborados para as campanhas corroboraram na montagem da “cultura de imunização”. A pesquisa se restringirá ao material produzido pelo Programa Nacional de Imunização (PNI) do Ministério da Saúde, na década de 1960 - 1970 – 1980, assim como charges e caricaturas encontradas em livros e artigos relacionados ao tema.

As bases consultadas serão: Biblioteca Nacional do Brasil, Objetos Educacionais e Portal CAPES; BASE DEDALUS SBU, Biblioteca Digital da UNICAMP, SIELO e acervos de documentos do Ministério da Saúde e CVE e acervo do Museu de Saúde Pública Emilio Ribas.

### **INTRODUÇÃO:**

As imagens das campanhas revelam mais do que formas de discurso que buscam convencer a população a aceitar a imunização em massa. Por entre essas percepções imagéticas, podemos observar as concepções históricas de mecanismos de doença e saúde, conceitos sobre comportamentos socialmente adequados, assim como, por intermédio de signos lúdicos, podem-se perceber possíveis formas de promover a saúde. É fato que alguns desses discursos podem se mostrar mais coercitivos do que educativos, porém, acredita-se que atrás de desenhos e caricaturas exista um potencial para a educação.

Segundo Hochman (2011, pag. 376) a partir da campanha pela erradicação da varíola, o Brasil passa a desenvolver uma “cultura de imunização”, que solidificou-se e pode ser expressa pelos índices de aceitação da população à vacina que ainda encontram-se altos. Para este estudo, os Dias Nacionais de Vacinação são outro exemplo de como esses ideários se articularam. A mobilização nacional, em prol de um



objetivo único e seu posterior sucesso, (a prova palpável da funcionalidade), com o investimento maciço em propagandas de todas as formas, coroou essa “cultura de imunização”. Destarte o presente estudo buscará analisar de que maneira mídias como cartazes e propagandas televisivas foram utilizados na fomentação dessa cultura.

Uma das engrenagens desse bem sucedido modelo foi o personagem criado, a priori, para simbolizar o compromisso da população com a erradicação da poliomielite, mas que com o decorrer dos anos, tornou-se porta-voz da conscientização no que concerne a imunização. E as formas como o personagem foi empregado, podem ser vistas como formas de educação.

### **1. Um início tortuoso, a Revolta da Vacina: questões sociais advindas e o pensamento gráfico expressando o pensamento social:**

Na transição entre os séculos XIX e XX, o país vivia em condições bastante precárias de saneamento básico. Doenças como febre amarela, varíola, tuberculose e peste, cujos vetores têm relação com as condições de vida humana, assolavam a cidade do Rio de Janeiro, então capital do país. Quando Francisco de Paula Rodrigues Alves assumiu a presidência, anunciou que uma de suas metas seria “o saneamento e reurbanização da capital da República” (Revista da Vacina, disponível em <http://www.ccms.saude.gov.br/revolta/revolta.html>, acesso em 16/06/2012).

Para as reformas de estrutura urbana, nomeou Francisco Pereira Passos, e os engenheiros Francisco Bicalho para a reforma do porto e Paulo de Frontin para as reformas do Centro. Oswaldo Cruz, ainda em exercício da medicina na época, foi nomeado para o saneamento básico (SEVCENKO, 1993).

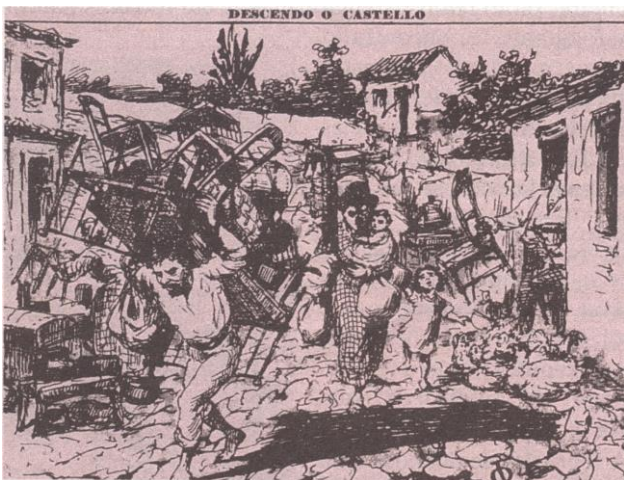
Essas reformas foram efetuadas por meio da expulsão de moradores, que viram-se obrigados a habitar terrenos inapropriados, como os morros e os mangues juntamente com a demolição de casarões e cortiços. A operação foi alcunhada de “bota-abaixo” pela população (SEVCENKO, 1993).

Concomitantemente, iniciava-se o programa de saneamento de Oswaldo Cruz, que após implementar uma série de medidas para sanar as doenças cujos vetores eram o principal problema, concentrou sua atenção no combate à varíola. De forma violenta e autoritária foi instituída a lei da vacinação obrigatória. Para Sevcenko (1993) o que se



colocava em cheque pelos opositores não era o caráter medicinal da vacina e sim os métodos pelos quais a mesma estava sendo aplicada. É fato que este levante foi “manobrado” por forças políticas, porém pela própria configuração situacional de interferência na individualidade e intimidade dos corpos, a ocorrência saiu do controle, segundo o autor: [...] Para os amotinados não se tratava de selecionar líderes ou plataformas, mas, mais crucialmente, de lutar por um mínimo de respeito à sua condição de seres humanos (SEVCENKO, 1993, pag. 20).

Uma das formas mais utilizadas para a disseminação de ideias contrárias a lei de vacinação compulsória e o “bota-abaixo” foram às caricaturas e as charges. A alta capacidade comunicacional dessas, segundo Lopes (1999), deriva da facilidade com a qual os traços são construídos de forma quase esquemática. As relações tecidas com problemáticas em voga formam camadas de possibilidades discursivas, onde todos entendem ao menos as mais superficiais. Ela “[...] domina a arte da comunicação, transmitindo sua mensagem a todos os seus contemporâneos, com a vantagem de poder, inclusive, atingir os leitores iletrados” (Disponível em < [www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59701999000300002&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59701999000300002&script=sci_arttext) > Acesso em 1 de maio de 2013).



**Figura 1:** Ela: \_ você me disse que isto aqui era uma terra civilizada... Muito bonita civilização! Antes o meu arraial do sertão! Querem arrasar o morro? Pois arrasem, mas, se não há casas, façam barracões para a gente pobre! Isto assim é uma pouca vergonha de desaforo, que, se eu fosse homem, havia de pintar o diabo!

**Ele:** - Cala-te, mulher! Cala-te e vai puxando com a trouxa! Isto aqui é como em toda parte: tratam-se os ricos nas palminhas das mãos e os pobres aos pontapés! Mas o dia da nossa vingança há de chegar. Olá, se há de!...

Revista O Malho, 2 de setembro de 1905. Imagem encontrada do livro de Sevcenko (1993).





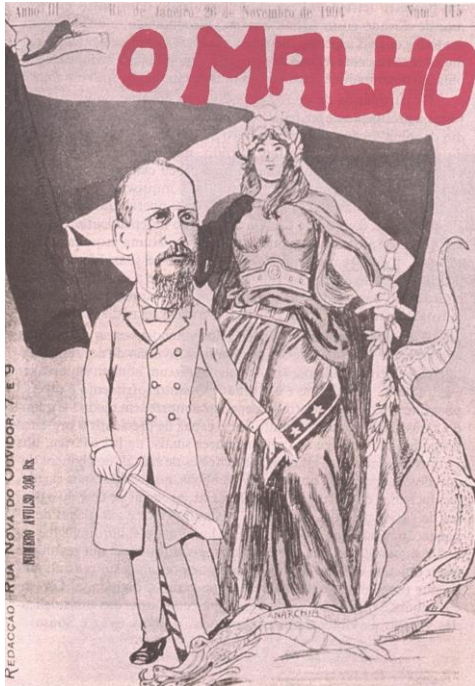
Figura 2: Trecho de Porto e Pontes (2003, pag. 731): “No desenho de Leônidas, publicado na revista O Malho de 29 de outubro de 1904, a legenda reproduzida a seguir antecipava a Revolta da Vacina, que viria a ocorrer dias depois, entre 12 e 15 de novembro, quando a população enfrentou Oswaldo Cruz e sua guarda”

Legenda original: Espetáculo para breve nas ruas desta cidade. Oswaldo Cruz, o Napoleão da seringa e lanceta, à frente das suas forças obrigatórias, será recebido e manifestado com denodo pela população. O interessante dos combates deixará a perder de vista o das batalhas de flores e o da guerra russojaponesa. E veremos no fim da festa quem será o vacinador à força!... No desenho de Leônidas, publicado na revista O Malho de 29 de outubro de 1904, a legenda reproduzida a seguir antecipava a Revolta da Vacina, que viria a ocorrer dias depois, entre 12 e 15 de novembro, quando a população enfrentou Oswaldo Cruz e sua guarda. Espetáculo para breve nas ruas desta cidade. Oswaldo Cruz, o Napoleão da seringa e lanceta, à frente das suas forças obrigatórias, será recebido e manifestado com denodo pela população. O interessante dos combates deixará a perder de vista o das batalhas de flores e o da guerra russojaponesa. E veremos no fim da festa quem será o vacinador à força !.....Em E. de C. Falcão (org.),

Oswaldo Cruz Monumento Histórica: a incompreensão de uma época. Oswaldo Cruz e a caricatura. Brasiliense Documenta vol. VI, tomo 1, São Paulo, Acervo da biblioteca da Casa de Oswaldo Cruz.1971.

Segundo Lopes (1999) a polarização dos elementos no desenho produz o humor, que de acordo com Melot (1975) apud Lopes (1999), traz a esta arte o seu deleite. Segundo Lopes (1999), por ser esta uma técnica historicamente ligada ao escárnio, reside na ironia produzida, à sublimação da agressão. A caricatura então pode ser vista como um mecanismo de defesa, ou uma forma de ataque, assim como uma ferramenta de conscientização, que através do riso conclamou a população e fez ouvir as opiniões públicas reagentes a forças impossíveis de serem enfrentadas em igualdade.

Passado este episódio, conceitos referentes a modificações de comportamentos de higiene e saneamento básico que relacionavam-se com “às exigências do desenvolvimento”, e da “superação do atraso” trouxeram junto com os processos de industrialização, o pensamento de manutenção da força de trabalho “[...] ou de ambiente não insalubre, tendo agora como objetivo “atuar sobre o corpo do trabalhador, mantendo e restaurando sua capacidade produtiva [...]” (ROCHA, 2003, pag. 796)”.



**Figura 3: Capa da revista o Malho da edição imediatamente posterior à Revolta da Vacina. Na ilustração emblemática, Rodrigues Alves, contém o dragão anarquista, sendo salvaguardado pela figura da república. As proporções infantis, de grande cabeça e membros pequenos, com uma espada, que remete a um brinquedo, reflete a desastrosa e mal estruturada repressão deste levante.**

**Revista o malho 26 de novembro de 1904. Imagem encontrada em: Sevckenko (1993).**

## **2: Campanha da varíola: Transição de pensamento entre força e convencimento:**

A vacinação antivariólica no Brasil foi colocada em pauta no início do século XIX, “e a doença esteve no topo da agenda sanitária do país até o final da década de 1910” conforme apontada acima. O que ocorreu posteriormente a Revolta da Vacina foi à ocupação de destaque na agenda médica de saúde por outra doença: a febre amarela, nos períodos das décadas de 1920 e 1930. Já na década de 1940, a prioridade foi o controle da incidência e prevalência de malária “em consonância com a agenda da saúde internacional nos anos de 1950 [...]”. O predomínio da forma benigna (*minor*) da varíola a partir dos anos 1930 acarretou em uma “convivência social’ com a mesma e dificuldades no diagnóstico específico” (HOCHMAN, 2011, pag. 377). Segundo Hochman após a Revolta da Vacina:

[...] a vacinação continuou sendo realizada e foi sendo incorporada lentamente ao cotidiano da população da capital e das principais cidades do país. Houve um rápido declínio da mortalidade por varíola, que caiu praticamente a zero no ano de 1906. As campanhas de vacinação iniciadas por Oswaldo Cruz em 1904 tiveram papel importante no declínio dos casos de varíola nas duas décadas subsequentes, ainda que este tenha sido interrompido por surtos importantes [...] (HOCHMAN, 2011, pag. 378).

Ainda, segundo o autor, conforme os resultados foram apresentando-se e as condições de vida foram melhorando por meio do saneamento básico e das vacinações de rotina, a população passou a ter um olhar menos desconfiado em relação às políticas públicas de saúde. Recursos contra a lei da vacinação obrigatória foram tornando-se

mais escassos à medida que leis mais específicas sobre direitos individuais e coletivos iam também se aprimorando.

A partir disso, a varíola permaneceu silenciada e praticamente desapareceu da agenda dos programas de saúde. Todavia com o início do movimento da “[...] Organização Pan-Americana da Saúde (Opas) e a Organização Mundial da Saúde (OMS), que estavam discutindo a erradicação da varíola em escala global, aprovada formalmente pela Assembleia Mundial da Saúde em 1959”, a doença voltou às pautas tanto políticas, já que viu-se nestas organizações, uma forma de reforçar as relações já em detrimento entre Brasil e os Estados Unidos com o argumento de fortalecimento das relações Pan-americanas, como de saúde, pelo vislumbre de erradicar, pela primeira vez em escala global uma moléstia (HOCHMAN, 2011, pag. 379).

De 1962 a 1966, os governos estaduais implementaram vacinações esporádicas e esparsas contra a varíola, obtendo resultados pouco significativos. Como conclusão disso, começou-se a notar a importância do chamamento populacional, e de maior cobertura vacinal (GAZÊTA, 2006).

A estratégia então foi à utilização de figuras públicas vacinando-se, para dar credibilidade e visibilidade à campanha, junto com a vacinação ocorrendo em lugares também públicos, marcando assim, um ponto de encontro, para a população se unir. (PORTO E PONTES, 2003).

[...] Festas populares, romarias, encontros religiosos, feiras, manifestações artísticas populares, quartéis, escolas públicas, paradas de ônibus e grandes empresas foram locais utilizados para vacinação em massa. As equipes deveriam estar preparadas para estender a vacinação até a noite para dar conta de todos os que compareciam. Fazia parte dessa estratégia explícita e deliberada de vacinação em lugares públicos tanto o treinamento de novos vacinadores como seu efeito demonstração para a população e autoridades. Tudo isso potencializado pela presença da imprensa [...] (HOCHMAN, 2011, pag. 381, 382).



**Figura 3:** Foto encontrada no artigo de Porto e Pontes (2003). Legenda original: Considerado como santo por muitos nordestinos, Frei Damião participou da estratégia de convencimento da população na década de 1960.



**Figura 2:** Foto encontrada no artigo de Porto e Pontes (2003). Legenda original: Vacinação em Florianópolis, à noite, visando à população retida no trabalho durante o dia.



Portanto, com a criação da campanha pela erradicação da varíola, aonde a população não ia aos postos nem os agentes iam às casas, e sim tínhamos manifestações de festejo ocorrendo para relacionar-se com a vacina, podemos inferir que o entretenimento, foi utilizado como forma de convencimento e de fomentação dessa “cultura de imunização”. A Campanha pela erradicação da varíola atingiu seus objetivos de forma plena, com cerca de 100% da população imunizada e garantiu ao Brasil a certificação internacional da erradicação da varíola em 1973 (HOCHMAN, 2011).

### 3. Estruturação de ações publicitárias: as campanhas contra a Pólio:



A primeira tentativa de organizar uma empreitada contra a pólio se deu na cidade do Rio de Janeiro em 1961. A vacina Sabin (VOP), após deliberação de uma junta médica foi à escolhida por diversas facilidades. Ela apresentava também uma característica em relação à vacina de Salk (VIP) que segundo este estudo, pode ser apontada como uma engrenagem importante para envolver o público: ela não precisava ser aplicada por profissionais.



As primeiras campanhas foram fortemente impulsionadas pelo angariar de voluntariado.

Os primeiros cartazes que tentavam espalhar a mensagem solicitando a vacinação do público contra a pólio, utilizaram o nome de Sabin, apelidando a mesma de “Vacina Sabin”. A figura da criança, sempre em ação, já era marca desses cartazes. Acredita-se que por referência forte ao nome de Sabin, nas décadas de 1960 e 1970,



tivemos a questão de desvinculação da marca Zé Gotinha, que pairou como polêmica no ano de 2012 com a substituição da VOP pela VIP no calendário vacinal, em prol da erradicação da pólio no mundo. Especialistas da área da saúde acreditavam que, o personagem estava estritamente ligado ao nome Sabin e a vacinação via oral. Fato que não se mostrou exato, já que conforme Rocha (2003) o personagem arraigou-se de tal maneira no

Figura 6, 7 e 8: Cartazes do acervo do Museu de Saúde Pública Emílio Ribas datados da década de 1970.





imaginário populacional, que tornou-se sinônimo de imunização e não apenas de poliomielite ou de vacina oral<sup>5</sup>.

Além das figuras infantis, alguns dos cartazes davam preferência ao apelo do terrorismo, com imagens de crianças tuteladas pelos aparelhos ortopédicos ou metáforas visuais de crianças para sempre ligadas às dificuldades motoras.

O governo militar moribundo ignorou uma importante epidemia de poliomielite, no Paraná e em Santa Catarina e o então secretário de saúde do Paraná, Oscar Alves, “foi para a televisão denunciar a existência da epidemia”, o que produziu uma grande repercussão nacional em fins de 1979 e início de 1980 (NASCIMENTO, 2011, pag. 505). Reimão (2004) explica que o período de transição entre a ditadura militar e a redemocratização, deixaram marcas na mídia em especial à televisiva que perduram até hoje, como subproduto remanescente de um modelo financiado pelo governo, que agora rearranjava-se passando a ter maior poderio financeiro, político e de influências. A situação conjecturada com a utilização dessa nova grande mídia, favoreceu a decisão “pelo enfrentamento da poliomielite no Brasil”. O estratagema adotado seria o de “vacinação maciça em período muito curto de tempo em todo o território nacional” (NASCIMENTO, 2011, pag. 505).

Para dar início a este plano, Sabin foi convidado a vir ao Brasil para auxiliar na esquematização desta estratégia. A primeira solicitação feita pelo médico foi a de dados mais precisos sobre os surtos e um senso demográfico mais atualizado, (pois o que se possuía era do início da década de 1970). Entretanto, afoito por resultados, o Ministério da Saúde tentou impingir uma iniciativa rápida, sem período para uma pesquisa mais bem elaborada. Essa polêmica foi levada as grandes mídias:

[...] a opinião pública nacional e internacional fez coro com Sabin, com duras críticas ao ministério. Esse conflito chegou a ameaçar a permanência de Arcoverde no ministério. Porém, por decisão do presidente da República, segundo Lima<sup>20</sup>, o ministro manteve-se no cargo e considerou que o *caso* Sabin alertou o povo e contribuiu para criar uma consciência social sobre o problema da poliomielite paralítica e sobre a necessidade da vacinação em massa. (NASCIMENTO, 2011, pag. 505).

Em 1980 é realizado o primeiro Dia Nacional de Vacinação, com uma resposta impressionante e as quedas maciças nos caso de pólio, passando de 1.290 casos, em 1980, para 122, em 1981, depois em 1982 45 casos e a cada ano das campanhas os

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://www.cve.saude.sp.gov.br>>. Acesso em: 25 set. 2012

números chegavam mais próximos do zero. (NASCIMENTO, 2011). Para cada estado formou-se um grupo de epidemiologistas, educadores e comunicadores sociais, para dialogar nas linguagens e significações referentes a cada estado. Esse esforço laborioso dos envolvidos tornou o Brasil um exemplo, e levou outras entidades internacionais a vislumbrar a possibilidade de erradicar a pólio.

“[...] James Grant, então diretor do United Nations Children Fund (Unicef), que a partir de 1982 investiu em uma intensa campanha para combater o que chamou de "a emergência silenciosa mundial", que seriam as mortes de milhões de crianças por doenças facilmente preveníveis, procurou o diretor da Opas, Carlyle Guerra de Macedo, para propor um programa de vacinação nas Américas, já que o continente estava melhor estruturado<sup>1</sup>. Essa negociação resultou na decisão de erradicar uma doença imunoprevenível para dar credibilidade à vacina e mobilizar todos os países. A poliomielite foi a doença escolhida, na medida em que alguns países já apresentavam experiências de sucesso no seu controle.” (NASCIMENTO, 2011, pag. 509).



Figura 9: Cartaz de 1892, do acervo do Museu de saúde Pública Emílio Ribas.

Neste período, os cartazes que foram encontrados no acervo do Museu apresentavam mensagens imperativas e sintéticas, pouco chamativas. A tipografia escolhida era o que mais remetia ao mundo infantil, mostrando que a criança ainda era o centro da mensagem visual.

O Brasil, que apresentava os melhores resultados, foi o escolhido para iniciar a erradicação e para tal demandou-se um porta-voz. (NASCIMENTO, 2011).

### 3.1: A criação do Zé gotinha: O amarrar de uma consciência comunicacional.

Em 1986, foi solicitado ao Ministério da Saúde brasileiro a criação de um personagem que pudesse convocar pais e responsáveis para a luta pela erradicação da poliomielite. Em termos da estruturação comunicacional, quatro pontos-chave sobressaíram-se em relação ao sucesso dessa tarefa.

A primeira medida foi o desenvolvimento do desenho do personagem, feito pelo artista plástico mineiro Darlan Rosa, “[...] com especialidade em ilustrar rótulos”,

adequando “a linguagem da saúde para o público leigo [...]” (PORTO e PONTES, 2003, pag. 736). A construção de formas artísticas, para Barthes apud Rüdiger (1998), é sempre fruto de um intrincado processo de recolhimento de informações sobre o objeto a ser desenhado, ou seja, decupagem de informação científica (no presente caso) e a devolução com a inteligibilidade condensada da mesma, através de manifestações artísticas. Para ilustra essa processo Porto e Pontes (2003) explicam:

“[...] Darlan calcou seu estudo na ideia de não se privar a criança do direito de andar. Inspirou-se nas séries de fotos de Eadweard Muybrigde que, em 1887, desenvolveu estudos sobre a locomoção, imprimindo movimento às fotos que mostravam em sequencia o caminhar de uma criança. No traço de Darlan, o corpo da criança evoluiu para duas gotas, representando as doses necessárias de vacina; e o seu caminhar acompanha o cronograma de compromisso do governo brasileiro em erradicar a poliomielite [...]” (PORTO e PONTES, 2003, pag. 736).

O segundo ponto foi à convocação da população para nomear a marca, “que contou com a participação de escolas públicas de todo o Brasil e tinha por objetivo popularizar o símbolo da campanha” (PORTO e PONTES, 2003, pag. 736). Segundo Mead apud Rüdiger (1998) o processo de dar significado às coisas, de nomea-las, ou melhor, torna-las símbolos, se da em decorrência não da necessidade de “[...] representar as coisas mas, sobretudo, para atuar no mundo [...]” (Mead apud Rüdiger,1998,pag. 40). Portanto a convocação da população para dar nome, ou seja, para agregar significação ao porta-voz, pode ser observado como um ponto expressivo na criação do imaginário em torno do personagem.



**Figura 10: Figura encontrada no artigo de Porto e Pontes (2003). Esquema de metas em metáfora com o desenvolvimento do personagem.**

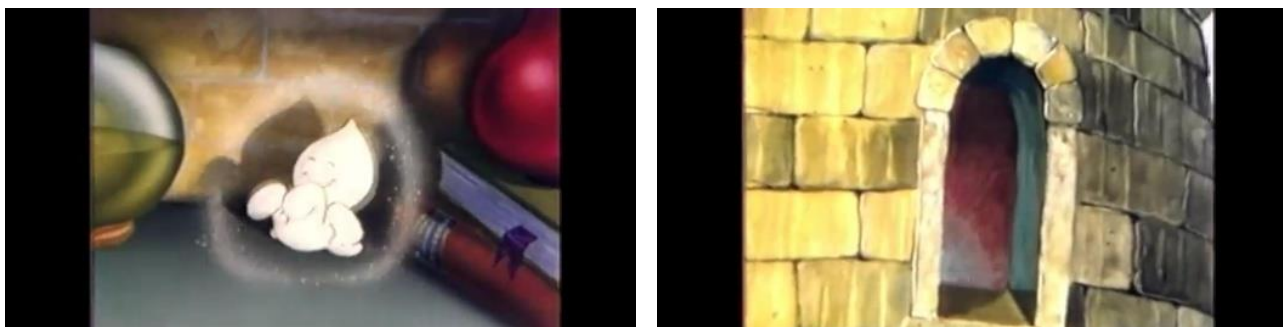


Figura 11 e 12: Frames comparativos do filme de nomeação do personagem. No desenho animado, o personagem nasce em um castelo mágico, de dentro do tubo de ensaio de um cientista.



Figura 13 e 14: Material do acervo do museu da Saúde Pública Emílio Ribas. Gibi que mostra o personagem nascendo

O terceiro ponto importante apresentado por Rocha (2003), foi à personificação, ou seja, a adição de características humanas à marca através de um filme em desenho animado<sup>6</sup> tradicionalmente, veiculada na televisão que mostrava o nascimento do personagem. Armado sob o mito do herói, o Zé Gotinha triunfaria sobre todo o mal; uma forma maniqueísta através da qual se explicaria saúde e doença para as crianças. Quando criamos um personagem é importante, para dar veracidade e criar um vínculo com o público, que esse contenha o máximo de informações coerentes, ou seja, que este tenha profundidade. Essa propaganda foi veiculada juntamente com um gibi<sup>7</sup>, distribuído nos dias de vacinação. Esse reforço, não apenas lembrava os responsáveis das outras doses a serem tomadas, como, enquanto objeto destinado às crianças, formava associações, onde, por intermédio do entretenimento, as crianças estavam sendo expostas, tanto ao ideário de vacina como benefício, como a informações científicas. Por exemplo: é explicado por meio de uma batalha do exército S.I (sistema

<sup>6</sup> Material encontrado no canal do you tube de Darlan Rosa, Disponível em: [http://www.youtube.com/watch?v=hfkSORTX8\\_s](http://www.youtube.com/watch?v=hfkSORTX8_s). Acesso em: 14 jun. 2012.

<sup>7</sup> Material encontrado no Museu Emílio Ribas



imunológico) contra os vilões, os vírus e bactérias, como o mecanismo de funcionamento da vacina atua sobre o sistema imunológico.

A última característica relevante foi à utilização de pequenos traços regionais no personagem, respeitando as diversidades que formam cada grupo cultural brasileiro. Isso facilitou o fomento do carisma populacional, em sua totalidade, já que respeitava as nuances regionais.



Figura 13: frame do filme para a campanha nordestina.

Um exemplo dado por Rocha (2003) foi um filme, especial para o Nordeste, que sofria com os maiores índices de surtos na época, onde o Zé Gotinha apareceu como o cangaceiro Lampião<sup>8</sup> e em 1994, o Brasil conseguiu o certificado de erradicação da pólio, galgando a partir dessas campanhas, um amadurecimento

dentro das comunicações em saúde para a prevenção.

Concluindo, é importante salientar, que colocar em pauta a vacina, é tocar em questões bastante íntimas, que cerceiam mundos diferentes, de níveis sociais distintos, crenças religiosas variáveis, mitos e medos, direito individual e coletivo. Os discursos tecidos nas campanhas oscilam no limiar entre a informação, convencimento e educação, já que precisam dar certo número de informações, de forma compreensível, mas, que não causem pânico. No que concerne à educação em saúde, crê-se dentro deste trabalho, que essas propagandas apresentam potencialidade para a mesma, já que dialogam de forma lúdica com o público. No caso específico das campanhas contra a pólio, existe o fato também de que os materiais produzidos, se dirigiram para um público que estava formando ainda suas concepções sobre o mundo e isso, pode ser visto como algo útil na educação.

## REFERÊNCIAS

Chalhoub S. **Cidade Febril: Cortiços e Eepidemias na Corte Imperial**. São Paulo: Companhia das Letras; 1996.

\_\_\_\_\_. **Vacina antivarilíca: seu primeiro século no Brasil (da vacina jenneriana à animal)**. Hist. cienc. saúde - Manguinhos. [online]. Mar./Jun. 1999, vol.6, n<sup>1</sup>, p.29-51. Disponível em

<sup>8</sup> Disponível em < <http://www.youtube.com/watch?v=bZPdWHwcARM> > , acessado em, 01 de maio de 2013.



[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59701999000200002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701999000200002)  
acesso em 1 de maio de 20123.

\_\_\_\_\_. **“Varíola: Doença e erradicação”**. In.: NASCIMENTO, Dilene R. e CARVALHO, Diana Maul(orgs). Uma história brasileira das doenças. Brasília, Paralelo 15, 2004.

Fernandes TMD. **Vacina Antivariólica: Ciência, Técnica e o Poder dos Homens, 1808-1920**. 2a ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2010.

GAZÊTA, A.A.B..**Uma Contribuição à história do Combate à Varíola na Brasil: Do Controle à Erradicação**. Tese de Doutorado no Programa de Pós-graduação em História das Ciências e da Saúde apresentado para a Casa de Oswaldo Cruz , Rio de Janeiro. 2006.

LOPES, M.B. **Corpos Ultrajados: Quando a Medicina e a Caricatura se Encontram**. Hist. cienc. saude-Manguinhos vol.6 no.2 Rio de Janeiro July/Oct. 1999. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59701999000300002>> acesso em 1 de maio de 2013.

MACHADO, Irene. **Gramática dos meios no contexto das linguagens icônicas**. Revista Logos, São Paulo, Ano 36, n. 01, p. 06 a 18, 1º semestre de 2012.

MACHADO, Irene. **Ressonâncias do Envolvimento e Participação com os Meios**. Revista significações do Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, n. 36, p. 211 a 233.

MARTINS, Luiz Geraldo Ferrarl. **A Escrita Plástica. Desenho, Pensamento, Conhecimento e Interdisciplinaridade**. Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação apresentada à Universidade de São Paulo. 2004.

MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação como extensões do Homem**. Tradução: Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 2007.

NASCIMENTO, Daniele Raimundo. **As campanhas de vacinação contra a poliomielite no Brasil (1960-1990)**. Ciência & Saúde Coletiva, 16(2):501-511, 2011.  
PITTA Á. da R. (org.). Saúde & comunicação: visibilidades e silêncios. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 1995.



PORTO Ângela; PONTES C. F.. **Vacinas e campanhas: As imagens de uma História a ser Contada.** História, Ciências, Saúde . Manguinhos, vol. 10 (suplemento 2): 725-42, 2003.

PRICE, David. **The Pixar Touch: The Making of a Company.** Nova York: Vintage Books, 2009.

ROCHA, Cristina Maria. **Comunicação Social e Vacinação. História, Ciências, Saúde .** Manguinhos, vol. 10 (suplemento 2): 795-806, 2003.

Reimão, Sandra. Livros e Televisão - correlações. São Paulo: Ateliê, 2004. o: Cosac & Naify, 2003.

RÜDIGER, Francisco. **Intrdução á Teoria da Comunicação.** São Paulo: Edicon, 1998.

THOMAS F.; JOHNSTON O.. The Illusion of Life, Disney Animation. Nova York: Disney Editions, 1981.

SEVCENKO, N. **A Revolta da Vvacina: Mentas Insanas em Corpos Rebeldes.** São Paulo: Scipione, 1993.